

O tesouro de Mazagão

Le trésor de Mazagan

RAFAEL MOREIRA, CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

A história da fundação do pequeno castelo manuelino no porto de Mazagão – ou *Mazighan*, palavra que em berbere significa «água do céu» e que designava um poço aberto na rocha destinado a recolher a chuva – em 1514; a sua transformação, em 1541, numa grandiosa cidade fortaleza, a primeira «cidade ideal» do Renascimento edificada fora da Europa (declarada, em 2004, «Património mundial» da Humanidade pela UNESCO e a única possessão portuguesa que se conservou na costa atlântica de Marrocos); o seu abandono, em 1769, após quase dois séculos e meio de vida determinados por lutas, guerras e trocas comerciais, sob a ameaça de um cerco total estabelecido pelo célebre rei de Marrocos Muhammad ben Abdalá; meio século de ruínas vazias; e o seu repovoamento e rápida transformação numa cidade nova, a actual metrópole de El Jadida («a Nova»), aproximadamente em 1820 – actualmente, o principal porto do continente africano aberto ao comércio –; esta é uma história bem conhecida e estudada: parece, portanto, dispensável alongarmo-nos sobre a mesma. Remeto o leitor para a inúmera bibliografia respectiva¹.

Prefiro concentrar-me no seu último momento «português»: em 11 de Março de 1769 – um Sábado (e, certamente, não é por acaso...) –, o dia em que toda a população de Mazagão foi, pela força, coagida a abandonar a cidade e a embarcar de volta a Lisboa, uma cidade que a maioria nem sequer conhecia. Houve protestos populares, movimentos de revolta e até mesmo motins quando se soube da má notícia, tão-somente uma semana antes da partida. O povo clamava contra a obediência das ordens do Rei e que preferia morrer defendendo a sua terra. A população reuniu-se na praça em frente do palácio do Governador, ameaçando-o de morte. Alguns soldados atiraram as suas armas ao mar como sinal de revolta. Porém, a decisão já havia sido tomada desde Janeiro, até ao ínfimo pormenor, pelo onipotente primeiro-ministro Marquês de Pombal, de acordo com a vontade do Rei. Não havia outra opção.

Pombal havia tecido as malhas da operação com a sua astúcia habitual e no maior secretismo. Já em 1760,

L’histoire de la fondation du petit château manuelin sur le port de Mazagan – ou *Mazighan*, mot berbère signifiant «eau du ciel», qui désignait un puits ouvert dans la roche destiné à recueillir la pluie – en 1514 ; sa transformation en 1541 en une grandiose ville-forteresse, la première «ville idéale» de la Renaissance bâtie en dehors de l’Europe (déclarée en 2004 «Patrimoine mondial» de l’Humanité par l’UNESCO, et le seul établissement portugais qui est resté sur la côte atlantique du Maroc) ; son abandon en 1769 après presque deux siècles et demi de vie de combats, de guerres et d’échanges, sous la menace d’un siège total mis par le célèbre roi du Maroc Mohammed ben Abdallah ; un demi-siècle de ruines vides ; et son repeuplement et sa rapide transformation en une ville nouvelle, l’actuelle métropole d’El Jadida («La Nouvelle») vers 1820 – aujourd’hui le premier port du continent africain ouvert au commerce – ; tout ceci est une histoire bien connue et étudiée : il ne semble donc pas nécessaire de s’y attarder. Je renvoie le lecteur à l’immense bibliographie respectiva¹.

Je préfère me concentrer sur son dernier moment «portugais» : le 11 mars 1769 – un samedi (et ce n’est pas par hasard, sans doute...) –, le jour où toute la population de Mazagan fut, par la force, obligée d’abandonner la ville et d’embarquer de retour pour Lisbonne, une ville que la plupart ne connaissait même pas. Il y eut des protestations populaires, des mouvements de révolte, voire des émeutes lorsqu’on apprit la mauvaise nouvelle, rien qu’une semaine d’avance. Le peuple criait à la désobéissance aux ordres du Roi, et qu’ils préféreraient mourir en défendant leur terre. Ils se rassemblèrent sur la place face au palais du Gouverneur en le menaçant de mort. Des soldats jetèrent leurs armes à la mer en signe de révolte. Mais la décision avait déjà été prise dès janvier, jusqu’au moindre détail, par le tout-puissant premier ministre Marquis de Pombal, à l’instar de la volonté du Roi. Il n’y avait aucune autre option possible.

Pombal avait tissé les fils de l’opération avec son habituelle astuce, et dans le plus grand des secrets. Dès 1760 il avait fait nommer son frère cadet, Fran-

1. Ver Augusto Ferreira do Amaral, *Mazagão. A epopeia portuguesa em Marrocos*, Lisboa, Tribuna, 2007.

1. Voir Augusto Ferreira do Amaral, *Mazagão. A epopeia portuguesa em Marrocos*, Lisbonne, Tribuna, 2007.

Pombal havia designado o seu irmão mais novo, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, ex-governador do novo Estado do Grão-Pará e Maranhão no norte do Brasil, como ministro da Marinha e do Ultramar e, juntos, delinearam o seu grande plano antijesuíta para a conquista portuguesa da Amazônia: um jogo de xadrez contra Espanha, em que o abandono de Mazagão desempenhou um papel de simples peão. Em 1763, substituíram o governador da praça-forte marroquina, o bravo e antigo militar Vasques da Cunha, pelo próprio sobrinho, Dinis de Melo e Castro de Mendonça, jovem em quem depositavam plena confiança. E, decorridos cinco anos, em Dezembro de 1768, a oportunidade apareceu-lhes: o rei de Marrocos declarou a *Jihad*, a Guerra Santa contra o escândalo de uma cidade inimiga, no seio do território, que tentava dividir os árabes urbanos das tribos berberes, ameaçando, desta forma, a unidade do reino. Por conseguinte, enviou um exército para sitiá-la, composto por 120 mil homens, apoiado por engenheiros militares franceses especializados nas novas tácticas para conquistar cidades, aperfeiçoadas pelo Marechal de Vauban, o engenheiro de Luís XIV.

Os portugueses de Mazagão – os *mazaganistas* – acostumados a lutar, prepararam-se para resistir como habitualmente. Porém, desta vez, a situação foi diferente. O governador impediu-os de sair da fortaleza, certamente para se proteger; o Marquês de Pombal enviou um presente ao «imperador de Marrocos» (um título que este nunca utilizou); o seu sobrinho, o Governador, embarcou rapidamente toda a família e o mobiliário do seu palácio, sob o pretexto que o auxílio viria mais depressa se a sua esposa falasse com o Rei; e nem se dignou a responder ao «ultimato» de Mulei Muhammad que, a 30 de Janeiro, enviou dois mensageiros para pedir as chaves da cidade como condição para se evitar a guerra.

Um historiador do início do século XX, Oliveira Martins, manifestou algumas desconfianças acerca da atitude bastante suspeita de Pombal relativamente a este episódio, imaginando negociações – indirectas, naturalmente – entre o Governador e os emissários de Mulei Muhammad². Contudo, tal não foi necessário, os interesses mútuos e secretos eram tanto estratégicos como tácitos. O destino de Mazagão estava selado.

Dia 1 de Março chegava ao seu porto uma pequena frota, que havia zarpado de Lisboa a 3 de Janeiro, composta por 14 embarcações: três navios de guerra com militares, quatro navios de transporte e sete barcas. Porém, ao invés de trazer o auxílio tão aguardado pelos habitantes, o tenente que comandava as tropas – efectivamente destinadas a garantir a evacuação –

cisco Xavier de Mendonça Furtado, ex-gouverneur du nouvel État de Grão-Pará e Maranhão dans le nord du Brésil, comme ministre de la Marine et d’Outre-mer, et ils établirent ensemble leur grand plan antijésuite pour la conquête portugaise de l’Amazonie : un jeu d’échecs contre l’Espagne, dans lequel l’abandon de Mazagan joua le rôle d’un simple pion. En 1763, ils avaient remplacé le gouverneur de la place forte marocaine, le brave et vieux militaire Vasques da Cunha, par leur propre neveu Dinis de Melo e Castro de Mendonça, jeune homme sur lequel ils déposaient leur totale confiance. Et cinq ans après, en décembre 1768, l’occasion s’offrit à eux : le roi du Maroc déclara la *Djihad*, la Guerre Sainte contre le scandale d’une ville ennemie en plein territoire qui essayait de diviser les Arabes urbains des tribus berbères, menaçant ainsi l’unité du royaume. Il envoya donc une armée l’assiéger, composée de 120 mille hommes appuyée par des ingénieurs militaires français spécialisés dans les nouvelles tactiques de prendre une ville, mises au point par le Maréchal de Vauban, l’ingénieur de Louis XIV.

Les Portugais de Mazagan — les *mazaganistes* — habitués au combat, se préparèrent à résister comme à leur habitude. Mais cette fois-ci les choses tournèrent différemment. Le gouverneur les empêcha de sortir de la forteresse ne serait-ce que pour se défendre; le Marquis de Pombal envoya un cadeau à l’« empereur du Maroc » (un titre qu’il n’a jamais employé); son neveu le Gouverneur fit rapidement embarquer toute la famille et le mobilier de son palais, sous le prétexte que le secours viendrait plus vite si sa femme parlait au Roi; il ne daigna pas répondre à l’« ultimatum » de Moulay Mohammed qui, le 30 janvier, envoya deux messagers demander les clés de la ville contre la guerre.

Un historien du début du XX^e siècle, Oliveira Martins, a émis des soupçons sur l’attitude très suspecte de Pombal concernant cet épisode, en imaginant des pourparlers – indirects, bien sûr – entre lui et les émissaires de Moulay Mohammed². Mais cela ne fut pas nécessaire, les intérêts mutuels et secrets étaient tant stratégiques que tacites. Le sort de Mazagan était scellé.

Le premier mars arrivait à son port une petite flotte, partie de Lisbonne le 3 février, composée de 14 embarcations : trois vaisseaux de guerre avec des militaires, quatre navires de transport et sept barques. Mais au lieu d’apporter le secours si attendu par les habitants, le lieutenant qui commandait les troupes – destinées,

2. F. Oliveira Martins, *Portugal e Marrocos no Século XVIII*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1937, p. 67.

2. F. Oliveira Martins, *Portugal e Marrocos no Século XVIII*, Lisbonne, Parceria António Maria Pereira, 1937, p. 67.

trazia uma carta selada para o Governador, que este apenas leria em público (e parcialmente) alguns dias mais tarde. Tratava-se das instruções para o abandono da cidade.

Em primeiro lugar, as tréguas deviam ser estabelecidas com os sitiados, o próprio rei: o que aconteceu no dia seguinte, 9 de Março, entrando em vigor três dias depois, mas sem qualquer indicação de prazos ou de acordo formal. As hostilidades deviam cessar por prazo indefinido, o que foi imediatamente aceite; um evento estranho, que nos dá a clara impressão que Mulei sabia, efectivamente, o que iria acontecer a seguir.

Os rumores já circulavam mas só se soube da nova quando a carta foi lida à população. O seu preâmbulo excitou ainda mais os espíritos: a justificação para o abandono da praça era tão-somente a «salvaguarda» dos pobres mazaganistas contra a «barbárie dos mouros» – ignorando que estes haviam resistido durante quase três séculos e em situações bem piores... – para que pudessem viver longe destes perigos constantes e «com abundância», num país melhor do que aquele. Pior que esquecer a lenda quase mítica de «Mazagão a heróica», esta justificação era a mais cruel das insolências, quase cínica. A revolta estalou. Nada sabemos acerca dos tumultos que se seguiram. Os documentos apenas apresentam a versão oficial; não existe nem um único testemunho da opinião pública, das paixões ou sentimentos da população. Apenas possuímos a recordação, bastante tardia, de um militar que havia integrado a companhia de artilharia aquando da missão de 1769, o coronel Carlos Julião, que numa memória remetida ao Rei (1800), em que pede uma promoção, relembra que havia participado na expedição contra essa «sociedade contagiosa» – assim era vistos os mazaganistas... – de onde regressou «sem esperança de vida» durante muito tempo: certamente, bastante ferido pela multidão³. A sequência dos eventos foi demasiado rápida para que a ideia de conspiração, ou de traição, e o tumulto popular se pudessem disseminar: era necessário agir com celeridade. Em primeiro lugar, procedeu-se ao embarque das mulheres e das crianças, e, a seguir, os inválidos, os enfermos e os jovens. Nas barcas colocou-se, seguindo a ordem estabelecida pela carta do Marquês de Pombal: «Em primeiro lugar as imagens sagradas, a prata e os ornamentos das Igrejas; em segundo lugar os vestidos, e roupas e couzas semelhantes, porque cadeiras, bofetes e cousas de volume sera impossível que caiba nos transportes». Eis um ponto fundamental para o seguimento do nosso texto.

3. Valéria Piccoli G. da Silva, *Carlos Julião e o mundo colonial português*, tese de doutoramento em História da Arte, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2010, pp. 84-85.

en effet, à assurer l'évacuation – apportait une lettre cachetée au Gouverneur, qu'il ne lirait publiquement (et partiellement) que quelques jours plus tard. Il s'agissait des instructions pour l'abandon de la ville. Tout d'abord, des trêves devaient être établies avec les assiégés, le roi en personne : ce qui fut fait le jour suivant, le 9 mars, pour commencer à entrer en vigueur trois jours après, mais sans aucune indication de délai ni d'accord formel. Les hostilités ne devaient cesser qu'à terme indéterminé, ce qui fut tout de suite accepté ; un fait étrange, qui nous donne la très nette impression que Moulay savait bel et bien tout ce qui allait se passer ensuite.

Des rumeurs couraient déjà, mais on ne l'apprit qu'une fois la lettre lue à la population. Son préambule excitait davantage les esprits : la justification pour l'abandon de la place n'était autre que « la sauvegarde » des pauvres mazaganistes contre « la barbarie des Maures » – ignorant qu'ils avaient résisté pendant presque trois siècles, et dans des situations bien pires... – pour qu'ils puissent vivre loin de ces dangers constants et « avec abondance », dans un meilleur pays que celui-là. Pire que d'oublier la légende quasi mythique de « Mazagan-l'héroïque », c'était la plus méchante des insolences, presque cynique. La révolte éclata.

On ne sait rien au sujet des émeutes qui suivirent. Les documents ne gardent que la voix officielle du pouvoir : pas un seul témoignage de l'opinion publique, des passions et sentiments du peuple. On n'a que le souvenir très tardif d'un militaire qui avait fait partie de la compagnie d'artillerie lors de la mission de 1769, le colonel Carlos Julião, qui dans un mémoire au Roi (1800) où il demande une promotion, rappelle qu'il avait participé à l'expédition contre cette « contagieuse société » – **c'est ainsi qu'étaient vus les mazaganistes...** – d'où il est retourné « sans espoir de vie » pendant longtemps : sans doute très blessé par la populace³.

La suite des événements fut trop rapide pour que l'idée de complot ou de trahison et le tumulte populaire puissent se répandre : il fallait faire vite. On embarqua d'abord les femmes et enfants, puis les invalides, les malades et les jeunes. **Dans les barques on mit**, suivant l'ordre établi par la lettre du Marquis de Pombal : « En premier lieu les images sacrées, l'argenterie et les ornements des églises ; en second lieu les vêtements, les robes et les choses semblables, car les chaises, les tables et les choses volumineuses ne pourront pas être transportées ». Voilà un point très important pour la suite de notre texte.

3. Valéria Piccoli G. da Silva, *Carlos Julião e o mundo colonial português*, thèse de doctorat en Histoire de l'art, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2010, pp. 84-85.

As carroças e as carruagens deveriam ser queimadas, os canhões de ferro e as munições deveriam ser atiradas ao mar; e, numa carta pessoal endereçada ao sobrinho, o Marquês escrevia-lhe para que explodisse a maior parte das muralhas bem como a maioria dos edifícios, «para que os Mouros não achem senão ruínas». Assim o fizeram. Durante todo o dia do 8 de Março, enquanto se discutiam as tréguas, o embarque efectuou-se à pressa através da pequena Porta do Mar – o grande arco que actualmente possui esta designação é posterior à reocupação da cidade em 1820, de realização árabe –, em primeiro lugar, as mulheres, as crianças e os idosos, a seguir as imagens das igrejas, as pratas sagradas, os livros de contabilidade e os registos das paróquias. A população válida, numa verdadeira fúria devastadora, arrancava as portas, empilhava os móveis na rua e ateava-lhes o fogo, destruía as fachadas e os telhados das cerca de 500 casas que constituíam a cidade, matava os cavalos – existiam cerca de 200 em Mazagão, em 1769 – enquanto o regimento de artilharia enviado de Lisboa se encarregava de colocar rolos de pólvora nas muralhas (especialmente no Baluarte do Governador, que era a única porta utilizável na cidade) com um rasto longo para facultar tempo para a fuga, com o objectivo de explodir a ponte levadiça e de impedir a entrada, retardando assim o avanço inimigo e o saque que se seguiria – uma pilhagem insignificante, dado que mesmo os sinos haviam sido lançados ao mar⁴.

Finalmente, na noite seguinte, foi a vez dos habitantes, os homens válidos, num grande silêncio, e dos soldados vindos vigiar a evacuação. No dia 11 de Março, cerca das 6 horas da manhã, embarcaram, em pose triunfal, o Governador e o chefe da guarnição – os últimos a abandonar a cidade, que não tardou a explodir em pedaços. Tudo estava destruído, excepto a Cisterna, deveras resistente, e os armazéns envolventes, o Palácio do Governador – que seria transformado em mesquita –, a igreja de Nossa Senhora da Assunção cujas paredes principais permaneceram de pé; e um ou outro edifício, especialmente da administração militar (como a Vedoria Geral, infelizmente demolida para dar lugar a um hotel... em 1998!).

Desta forma, concluía-se, de um dia para o outro, literalmente, o abandono – ou «transporte», como

Les chars et charrettes devraient être brûlés, les canons en fer et les munitions devaient être jetés à la mer; et dans une lettre personnelle au neveu, le Marquis lui disait de faire exploser la plus grande partie des murailles ainsi que la plupart des édifices, «pour que les Maures n’y trouvent que des ruines». C’est ce qu’ils firent. Pendant toute la journée du 8 mars, pendant que l’on discutait les trêves, l’embarquement se fit à la hâte à travers la petite Porte de la Mer – la grande arche qui porte ce nom aujourd’hui est postérieure à la réoccupation de la ville en 1820, de facture arabe –, d’abord les femmes, les enfants et les vieillards, ensuite les images des églises, l’argenterie sacrée et les livres de comptes et les registres des paroisses. Dans une vraie furie dévastatrice, la population capable de travail arrachait les portes, entassait les meubles dans la rue et leur mettait le feu, détruisait les façades et les toits des environ 500 maisons qui composaient la ville, tuait les chevaux – il y en avait près de 200 à Mazagan en 1769 – tandis que le régiment d’artillerie envoyé de Lisbonne se chargeait d’entasser des saucissons de poudre tout au long des murs (surtout dans le Bastion du Gouverneur, qui était la seule porte utilisable dans la ville), avec une longue traînée pour laisser du temps pour la fuite, afin de faire sauter le pont-levis et d’empêcher l’entrée, retardant ainsi l’avancée ennemie et le pillage qui s’ensuivrait – un pillage de rien, car même les cloches avaient été lancées en mer⁴.

Enfin, la nuit suivante ce fut le tour des habitants, des hommes valides, en grand silence, et des soldats venus surveiller l’évacuation. Vers les 6 heures du petit matin du 11 mars, ils embarquèrent, en pose triomphale, le Gouverneur et le chef de la garnison – les derniers à abandonner la ville, qui ne tarda pas à éclater en pièces. Tout était détruit, sauf la très résistante Citerne et les magasins autour, le Palais du Gouverneur – qui serait adapté en mosquée –, l’église Notre Dame de l’Assomption dont l’essentiel des murs resta debout; et un ou autre édifice, surtout de l’administration militaire (comme la *Vedoria Geral*, malheureusement démolie pour faire place à un hôtel... en 1998 !). Ainsi se concluait, littéralement d’un jour à l’autre, l’abandon – ou «transportation», comme on préférait

4. Laurent Vidal, *Mazagão, a cidade que atravessou o Atlântico. Do Marrocos para a Amazônia (1769-1783)*, Lisboa, Teorema, 2007 (ed. francesa, Flammarion, 2005), pp. 39-41, é a melhor reconstituição dos acontecimentos. Mas, ver também J. Manuel Azevedo e Silva, *Mazagão, uma cidade luso-marroquina deportada para a Amazônia*, Viseu-Coimbra, Palimage/Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2007, e General Silvino da Cruz Curado, *Mazaganistas, de heróicos guerreiros em Marrocos a forçados agricultores na Amazônia, sep. Laços históricos-militares luso-magrebinos: perspectivas de valorização. XII Colóquio de História Militar*, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, 2003.

4. Laurent Vidal, *Mazagão, a cidade que atravessou o Atlântico. Do Marrocos para a Amazônia (1769-1783)*, Lisbonne, Teorema, 2007 (éd. française, Flammarion, 2005), pp. 39-41, est la meilleure reconstitution des événements. Mais voir aussi J. Manuel Azevedo e Silva, *Mazagão, uma cidade luso-marroquina deportada para a Amazônia*, Viseu-Coimbra, Palimage/Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2007, et General Silvino da Cruz Curado, *Mazaganistas, de heróicos guerreiros em Marrocos a forçados agricultores na Amazônia, sep. Laços históricos-militares luso-magrebinos: perspectivas de valorização. XII Colóquio de História Militar*, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, 2003.

oficialmente se preferia designar – da última cidade portuguesa da costa atlântica de Marrocos. No total, 460 famílias, 31 soldados solteiros e 4 padres, perfazendo quase 2.100 pessoas, embarcaram para Lisboa, sem terem a mínima ideia do que lhes iria acontecer. Mazagão tornava-se *El-Mahduma*, «a destruída», permanecendo vazia durante 50 anos. Foi apenas por volta de 1820 que alguns comerciantes judeus pediram autorização para aí se instalarem, que o Rei se interessasse pela sua reconstrução e a vida retomasse: como uma fénix, a cidade renascia das suas cinzas, sob a nova designação de *El Jadida*, «a Nova». Muito em breve, tornar-se-ia um dos portos mais movimentados de todo o Magrebe (substituída por Casablanca, no decurso do «protectorado» francês de 1912) e a capital da província de Duquela.

Mazagão fora uma cidade bastante moderna, apesar dos seus três séculos de existência: uma verdadeira cidade-modelo, de acordo com os princípios da «cidade ideal» do Renascimento à italiana, edificada num tempo recorde inferior a dois anos, entre 1541-1542⁵. Apesar das suas cinco igrejas – cuja mais antiga e importante, a única que ainda subsiste actualmente, era a igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, que se situa na praça, ao lado do Palácio e da Cisterna – e oito pequenas capelas, de que se ocupavam quinze padres, era essencialmente uma cidade militar, com fortificações desmesuradas: muralhas com doze metros de largura.

A maior parte dos seus quase 2000 habitantes – cerca de três quartos – eram soldados, a maioria vivendo com as suas famílias. Mas também havia colonos agricultores, oriundos dos Açores, que cultivavam trigo, vinhas (em determinados vinhedos contabilizavam-se mais de 1000 pés), muitos melões e, sobretudo, os célebres feijões, conhecidos por toda a Europa e até nos Estados Unidos – os *Mazagan beans*, que manuais de cozinha, publicados em Londres ou em Boston a partir de 1720, consideravam como os «melhores feijões do mundo» –, nos terrenos agrícolas e hortas das terras férteis dos arredores, as «quintas».

Na cidade também existiam comerciantes, especialmente do norte da Europa (no início do século XVIII existia um consulado inglês e um cônsul da Dinamarca); um número importante de judeus que fugiam da Inquisição em Portugal; alguns artesãos (pedreiros, carpinteiros, padeiros, alfaiates, sapateiros), diversos médicos e enfermeiras no Hospital da Misericórdia, pelo menos um «professor» e um pintor; muitos «degredados» em exílio e algumas dezenas de deportados.

l'appeler officiellement – de la dernière ville portugaise de la côte atlantique du Maroc. En total 460 familles, 31 soldats célibataires et 4 prêtres, totalisant presque 2.100 personnes, s'embarquèrent pour Lisbonne, sans avoir la moindre idée de ce qu'ils allaient devenir.

Mazagan devenait *El-Mahduma*, «La détruite», en restant complètement vide pendant 50 ans. Ce ne fut que vers 1820 que des commerçants juifs ont demandé l'autorisation de s'y installer, le Roi s'intéressa à sa reconstruction, la vie reprit : tel un phénix, la ville renaissait de ses cendres, sous le nouveau nom d'*El Jadida*, «La Nouvelle». Très bientôt elle deviendrait l'un des ports les plus actifs de tout le Maghreb (remplacé par Casablanca sous le «protectorat» français de 1912) et la capitale de la province des Doukkala.

Mazagan avait été une ville très moderne, malgré ses trois siècles d'âge : une vraie ville-modèle, selon les principes de la «cité idéale» à l'italienne de la Renaissance, bâtie en un temps record de moins de deux ans, en 1541-42⁵. Malgré ses cinq églises – dont la plus ancienne et importante, la seule qui subsiste encore aujourd'hui, était l'église paroissiale de Notre-Dame de l'Assomption, qui se trouve dans la place à côté du Palais et de la Citerne – et huit petites chapelles, dont s'occupaient quinze prêtres, c'était surtout une ville militaire, aux fortifications démesurées : douze mètres de largeur rien que pour les murs.

La grande partie de ses presque 2000 habitants – environ les trois quarts – étaient des soldats, la plupart avec leurs familles. Mais il y avait aussi des colons agriculteurs, venus des Açores, qui cultivaient du blé, des vignes (on comptait plus de 1000 pieds dans certains vignobles), beaucoup de melons et, surtout, les célèbres haricots, connus dans toute l'Europe voire même aux États-Unis – les *Mazagan beans*, que des manuels de cuisine, publiés à Londres ou à Boston dès 1720, considéraient comme «les meilleurs haricots du monde» – dans les terroirs et jardins potagers des terres fertiles de l'alentour, les «quintas» (fermes).

Il y avait également des commerçants, surtout du nord de l'Europe (au début du XVIII^e siècle il y avait même un consulat anglais et un consul du Danemark) ; un assez grand nombre de juifs fuyant l'Inquisition au Portugal ; quelques artisans (des maçons, charpentiers, boulangers, tailleurs, cordonniers), divers médecins et infirmières à l'Hôpital de la Miséricorde, au moins un «maître d'enfants» et un peintre ; et beaucoup de «degredados» en exil et quelques dizaines de déportés.

5. Rafael Moreira, *A construção de Mazagão: cartas inéditas, 1541-1542*, Lisboa, IPPAR-UNESCO, 2001 (trads. francesa e árabe).

5. Rafael Moreira, *A construção de Mazagão: cartas inéditas, 1541-1542*, Lisbonne, IPPAR-UNESCO, 2001 (trads. française et arabe).

Além destes, não esqueçamos os autóctones, os chamados «mouros de paz»: árabes ou berberes, tanto escravos como convertidos. Excepto em períodos de guerra, que eram sazonais e bastante frequentes mas de forma alguma permanentes, como se presume, as relações entre as duas religiões não eram necessariamente conflituosas: muitos mazaganistas falavam árabe e as caravanas de Azamor, e até as de Marraquexe, frequentavam as feiras de Mazagão, onde vinham vender os seus produtos ou adquirir trigo em períodos de seca. Em 1649, o rei Mulei Zidão solicitava auxílio militar ao Governador, aquando de uma revolta berbere e estes trocavam presentes entre si. Médicos e jardineiros portugueses eram frequentemente enviados para servirem o rei marroquino. Portugueses e magrebinos tinham aprendido a conhecer-se e a respeitar-se, apesar da retórica de guerra.

Esta sociedade heterogénea constituía, pois, uma comunidade cosmopolita, mas muito fechada sobre si, com um forte sentido de identidade e uma personalidade muito particular, consolidada por séculos de vizinhança, de casamentos, de entreaajuda em caso de perigo e por uma vida bastante distanciada da metrópole, quase abandonada a si mesma: eram simplesmente os *mazaganistas* – um grupo à parte, muito orgulhoso do seu passado. O grupo era fortalecido por uma história comum, uma vida e toda uma memória épica de acções de valentia e de esforços contínuos de luta e de sobrevivência: é a «lenda de Mazagão», forjada a partir do primeiro grande cerco de 1562 e mantida através dos séculos. Nas suas casas, menos de 600, de um andar com terraço (para não ultrapassar a altura das muralhas), estas famílias formavam uma única e grande família, alimentada por um espírito de sobrevivência e de heroísmo, a todo o custo. Eles formavam um corpo com as muralhas, cuja defesa era a sua razão de viver.

Esta unidade foi brutalmente quebrada dia 11 de Março de 1769: por um lado, as pessoas, a sociedade; por outro, o seu enquadramento, a cidade-fortaleza que foi o berço deixado em ruínas, abandonado. Quando as dez embarcações chegaram a Lisboa, após onze dias de viagem sem conhecer o seu destino, o desespero e a revolta deram lugar a um sentimento de expectativa, porventura até de confiança: o Rei teria certamente em conta os serviços prestados à pátria por todas aquelas gerações valorosas.

O destino dos mazaganistas havia já sido traçado, desde há muito, pelo Marquês de Pombal, no maior dos secretismos. Desde 1765, fez substituir o governador do Estado do Grão-Pará e Maranhão por um outro sobrinho, Fernando da Costa de Ataíde e Teive: uma outra peça do grande jogo. Mazagão era um

Et n'oublions pas les autochtones, ceux qu'on appelait les *mouros de paz* (maures de paix): des Arabes ou des Berbères, soit esclaves ou convertis. Sauf dans les périodes de guerre, qui étaient saisonnières et très fréquentes mais pas du tout permanentes, comme on le suppose, les rapports entre les deux religions n'étaient point forcément conflictuels: beaucoup de mazaganistes parlaient l'arabe et les caravanes d'Azemmour, et même celles de Marrakech, fréquentaient les foires de Mazagan où ils venaient y vendre leurs produits ou acheter du blé lors des sécheresses. En 1649 le roi Moulay Zidan demandait du secours militaire au Gouverneur lors d'une révolte berbère et ils échangeaient des cadeaux. Des médecins ou jardiniers portugais étaient fréquemment envoyés au service du roi marocain. Ils avaient appris à se connaître et à se respecter, malgré la rhétorique de guerre.

Cette société bigarrée formait donc une communauté cosmopolite, mais très fermée sur soi, avec un fort sens de l'identité et une personnalité très particulière, consolidée par des siècles de voisinage, d'intermariages, d'entraide en cas de danger et d'une vie très éloignée de la métropole, presque livrés à eux-mêmes: ils étaient tout simplement les *mazaganistes* – un groupe à part, très fier de son passé. Il était renforcé par une histoire commune, une vie et toute une mémoire épique d'actions de vaillance et d'efforts continus de luttas et de survivance: c'est la «légende de Mazagan», forgée dès le premier grand siège en 1562, et maintenue à travers les siècles. Dans leurs pas plus de 600 maisons à un étage et terrasse (pour ne pas dépasser la hauteur des murs), ces familles ne formaient qu'une seule et grande famille, nourrie d'un esprit de survie et d'héroïsme à tout prix. Ils faisaient corps avec leurs murs, dont la défense était leur raison de vivre.

C'est cette unité qui fut brutalement rompue le 11 mars 1769: d'un côté les gens, la société; de l'autre leur cadre, la ville-forteresse qui fut le berceau laissé en ruines, abandonné. Quand les dix bateaux arrivèrent à Lisbonne après onze jours de voyage sans rien connaître de leur destin, le désespoir et la révolte avaient fait place à un sentiment d'attente, peut-être même de confiance: le Roi aurait sans doute pris en compte les services prêtés à la patrie par toutes ces vaillantes générations.

Le destin des mazaganistes avait déjà été fixé, depuis longtemps, par le Marquis de Pombal, dans le plus grand des secrets. Dès 1765 il avait fait remplacer le gouverneur de l'État du Grão-Pará e Maranhão par un autre neveu, Fernando da Costa de Ataíde e Teive: une autre pièce du grand jeu. Mazagan était un gouffre d'argent pour la Couronne, qui ne servait à rien; par

sorvedouro de dinheiro para a Coroa, que não servia para nada; pelo contrário, o norte do Brasil, essa Amazônia – de onde, recentemente, se haviam expulsado as missões dos jesuítas sob o pretexto que estes pretendiam criar aqui um país independente adquirido a Espanha através do Tratado de Madrid (1750) – era uma imensa região vazia, habitada por tribos de índios selvagens, que era preciso «civilizar» através da criação de cidades. O plano era pois bastante claro: transferir Mazagão de Marrocos para o norte do Brasil e reciclar os seus colonos de antigos combatentes anti-Islão em novos agentes de civilização em plena floresta virgem. Tão simples – e tão lógico – quanto isto.

Mas a odisseia dos mazaganistas não foi assim tão simples. O Marquês contava enviá-los para o novo destino num prazo máximo de quinze dias. Mas, após uma espera de seis meses, alojados de qualquer maneira nos armazéns do Mosteiro dos Jerónimos em Belém, sob uma vigilância estrita, aperceberam-se que tinham sido praticamente esquecidos. Como malfeitores, estes pobres exilados – que em Lisboa eram chamados de modo depreciativamente «os africanos» – não recebiam nem o soldo que lhes era devido, nem podiam sair dos seus alojamentos; os oficiais nobres não eram, nem eles, recebidos no Palácio para beijar a mão do Rei. Enfim, eram tratados como condenados perpétuos e não como os corajosos colonos de uma cidade que se criava para civilizar o Novo Mundo.

Foi apenas no dia 15 de Setembro que partiram do porto de Belém – 1642 pessoas distribuídas por dez barcos – para uma outra Belém: a cidade de Belém do Pará, a nova capital do Estado do Grão-Pará e Maranhão no norte do Brasil, na embocadura do Amazonas. Deveriam aí aguardar o final da construção da nova cidade fundada por Ataíde e Teive, no local escolhido por Mendonça Furtado: na margem do rio Mutuacá, um afluente do Amazonas, no interior da floresta amazónica, a cerca de 60 km da vila mais próxima, Macapá, fundada sobre uma antiga missão jesuíta no canal norte do grande rio em 1761 (actualmente, uma grande metrópole, capital do Estado brasileiro de Amapá). Com efeito, em 1770, Ataíde e Teive tinha enviado, desde o mês de Janeiro, engenheiros para observarem as margens do rio, que mal se conheciam, na esperança que fossem boas para a criação de gado, e o italiano Domingo Sambuceti desenhava no terreno a planta, bastante simples e regular, da nova cidade. Os trabalhos iniciaram-se imediatamente, sendo oficialmente fundada pelo Governador em 1771, que a designou – «Vila Nova de Mazagão». Era um símbolo, mais um desejo do que uma realidade⁶.

contre, le nord du Brésil, cette Amazonie – d'où l'on venait d'expulser les missions des Jésuites sous le prétexte qu'ils prétendaient y créer un pays indépendant et l'acquérir à l'Espagne par le Traité de Madrid (1750) – était une immense région vide, habitée par des tribus d'Indiens sauvages, qu'il fallait «civiliser» par la création de villes. Le plan était donc très clair: transférer Mazagan du Maroc vers le nord du Brésil et recycler ses colons de vieux combattants anti-Islam en nouveaux agents de civilisation en pleine forêt vierge. Si simple – et si logique – que cela.

Mais l'odyssée des mazaganistes ne fut pas si simple. Le Marquis comptait les envoyer vers leur nouveau destin dans pas plus de quinze jours. Mais, après une attente de six mois, logés tant bien que mal dans les magasins du Monastère des Jérónimos à Belém, sous la plus stricte vigilance, ils se rendirent compte qu'ils avaient été à peu près oubliés. Tels des malfaiteurs, ces pauvres exilés – **qui à Lisbonne étaient appelés dérisoirement «les Africains»** – ne recevaient ni la solde qui leur était due, ni ne pouvaient sortir de leurs logements; les officiers nobles n'étaient pas, eux non plus, reçus au Palais pour baiser la main du Roi. Ils étaient traités comme des condamnés à vie et non pas comme de braves colons d'une ville que l'on créait pour aller civiliser le Nouveau Monde.

Ce ne fut que le 15 septembre qu'ils laissèrent le port de Belém – 1642 personnes distribuées par dix bateaux – pour une autre Belém: la ville de Belém du Pará, la nouvelle capitale de l'État du Grão-Pará e Maranhão dans le nord du Brésil, dans les bouches de la rivière de l'Amazone. Ils devaient y attendre la fin de l'édification de la nouvelle ville fondée par Ataíde e Teive, dans la place choisie par Mendonça Furtado: la rive du fleuv CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa e Mutuacá, un affluent de l'Amazone, à l'intérieur de la forêt amazonienne, à environ 60 km du village le plus proche, Macapá, fondée sur une ancienne mission jésuite dans le canal nord de la grande rivière en 1761 (aujourd'hui une grande métropole, capitale de l'état brésilien de l'Amapá). En effet, en 1770, Ataíde e Teive avait envoyé dès janvier des ingénieurs voir les marges du fleuve, que l'on connaissait mal, en espérant qu'elles seraient bonnes pour l'élevage du bétail, et l'italien Domingo Sambuceti dessinait au sol le plan, très simple et régulier, de la nouvelle ville. Les travaux commencèrent tout de suite, le Gouverneur la fondant officiellement en 1771 et la dénommant «Vila Nova de Mazagão» [Mazagan-la-Nouvelle]. C'était un symbole, un désir plus qu'une réalité⁶.

6. Renata Malcher de Araújo, *As cidades da Amazônia no Século XVIII. Belém, Macapá e Mazagão*, tese de Mestrado, Departamento de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa, Porto, FAUP, 1998, pp. 265-290.

6. Renata Malcher de Araújo, *As cidades da Amazônia no Século XVIII. Belém, Macapá e Mazagão*, mémoire de Master en Histoire de l'Art de l'Universidade Nova de Lisboa, Porto, FAUP, 1998, pp. 265-90.

Os pobres mazaganistas (muitos dos quais tinham perecido durante a longa viagem) iriam ainda esperar um ano e meio em Belém do Pará antes de começarem a ocupar as suas casas, construídas em madeira e taipa, de Vila Nova de Mazagão. Instalados em Belém em casas privadas pagas pela Coroa, conservavam os laços espirituais que os uniam: apesar de estarem divididos por toda a cidade e arredores, compunham uma única paróquia, Nossa Senhora da Assunção, como em Marrocos, mas estabelecida na antiga igreja jesuíta de Santo Alexandre. Havia nesta comunidade mestiça muitas viúvas, antigos combatentes, crianças, judeus e até árabes ou berberes convertidos: como, por exemplo, um homem jovem de 20 anos, José de Deus, «mouro de nação e reduzido a fé catholica», assim como outros, certamente. Todas as «imagens, ornamentos, prata que forão das igrejas da praça de Mazagão» permaneciam conservados «em decente arrecadação». Estas peças tinham sido transportadas no galeão *Nossa Senhora da Glória* e um documento, datado de 6 de Setembro, que se conserva no Arquivo Histórico Ultramarino, fornece a lista completa: quadros, inúmeros candelabros, «huma costodia antiga de coluna de prata dourada com quatro campainhas» com cruzeiros, cálices, uma pequena pia de água benta, um tabernáculo, incensários, castiçais de óleo, toalhas de altar, casulas e livros de missa. Entre as imagens a de Nossa Senhora da Assunção, com uma cruz de prata, vinha em primeiro lugar, a seguir muitas outras: o Cristo morto, Jesus crucificado, São Pedro, São Miguel Arcanjo, São Francisco, Santo António, Santa Bárbara, Nossa Senhora da Misericórdia, Nossa Senhora da Conceição, Santa Ana⁷. Estas devoções contribuíam indubitavelmente para manter vivo o espírito de uma comunidade espiritual, bem como material, ainda que os objectos não estivessem visíveis.

Entretanto, tinham ocorrido mortes, deserções, um número considerável de matrimónios, casos de comerciantes bem-sucedidos que solicitavam autorização para partir para outras cidades do Brasil, de proprietários urbanos que queriam permanecer em Belém, onde tinham comprado casas para alugar: a «tribo» mazaganista desagregava-se. No entanto, a partir de 1771 as primeiras famílias começaram a partir: até ao dia 12 de Maio de 1772, 114 famílias foram estabelecidas em Vila Nova de Mazagão, perfazendo um total de 410 pessoas. Estas não representavam mais do que uma pequena fracção de um total de quase 400 famílias e 2000 pessoas desembarcadas em Belém do Pará. Os primeiros que se instalaram, longe de encorajar aqueles que permaneciam à espera do seu novo lar, faziam precisamente o oposto: em Belém, um

Les pauvres mazaganistes (dont beaucoup étaient morts pendant le long trajet) devaient attendre un an et demi à Belém du Pará avant de commencer à occuper leurs maisons, bâties en bois et en pisé, de Mazagan-la-Nouvelle. Installés à Belém dans des maisons privées payées par la Couronne, ils maintenaient les liens spirituels qui les unissaient : même en étant divisés par toute la ville et les alentours, ils ne formaient qu'une seule paroisse, Notre-Dame de l'Assomption, telle qu'au Maroc, mais établie dans l'ancienne église jésuite de St Alexandre. Il y avait dans cette communauté métisse beaucoup de veuves, d'anciens combattants, des enfants, des juifs, même des Arabes ou des Berbères convertis : tel un jeune homme de 20 ans José de Deus, «maure de nation réduit à la foi catholique », ainsi que d'autres sûrement. Toutes les «images, objets liturgiques et argenteries qui existait aux églises de la ville de Mazagan », restaient gardés « dans en espace propre ». Elles avaient été transportées dans le galion *Nossa Senhora da Glória* et un document, daté du 6 septembre, qui se conserve dans l'Arquivo Histórico Ultramarino en donne la liste complète : des tableaux, de nombreux chandeliers, « un ostensor ancien avec une colonne en argent doré avec quatre clochettes » avec des croix, des calices, un petit bénitier, un tabernacle, des encensoirs, des chandelles à l'huile, des nappes d'autel, des chasubles et des livres de messe. Parmi les images, celle de Notre-Dame de l'Assomption avec une croix en argent venait en première place, puis beaucoup d'autres : le Christ mort, Jésus sur la croix, St Pierre, l'Archange St Michel, St François, St Antoine, Sainte Barbare, Notre-Dame de la Miséricorde, Notre-Dame de La Conception, Sainte-Anne⁷. Ces dévotions contribuaient, sans doute, à maintenir vivant l'esprit d'une communauté spirituelle, aussi bien que matérielle, même si les objets n'étaient pas visibles.

Il y avait eu des morts, des désertions, beaucoup de mariages, des commerçants ayant réussi qui demandaient l'autorisation de partir pour d'autres villes du Brésil, des propriétaires urbains voulant rester à Belém où ils avaient acheté des maisons à louer : la «tribu» mazaganiste se désagrégeait. Pourtant, dès 1771 les premières familles commencèrent à partir : jusqu'au 12 mai 1772, 114 familles étaient établies à Vila Nova de Mazagão, dans un total de 410 personnes. Mais ce n'était qu'une très faible partie d'un total de presque 400 familles et 2000 personnes débarquées à Belém du Pará. Les premiers qui se sont installés, loin d'encourager ceux qui restaient dans l'attente de leur nou-

7. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, *Pará*, cx. 64, doc. 5575 (cit. in Laurent Vidal, *op. cit.*, p. 91).

7. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisbonne, *Pará*, cx. 64, doc. 5575 (cit. in Laurent Vidal, *op. cit.*, p. 91).

número importante de mazaganistas desconfiava desta nova vila no meio da floresta – eles, que vinham do deserto! – e uma pessoa que tinha ido ao local dizia a todos «ser esta villa incapaz de se abitar...». Em 1775, decorridos mais de cinco anos após a sua chegada, 68 famílias ainda aguardavam em Belém. Na verdade, a «deportação» tinha sido um fiasco, um fracasso em relação ao que era esperado.

As obras da nova cidade prosseguiram. Começou-se pela igreja – o maior monumento do local e o único em pedra e cal – onde, ainda em Maio de 1777, o Governador proibia o comandante de Mazagão de retirar os índios empregues na sua reparação⁸. Esta tinha sido realizada à pressa, coberta por palha, de forma a poder ser utilizada desde o início enquanto centro da vida social da comunidade, defronte da praça principal da cidade: desde logo, em 1772, recebia as peças religiosas conservadas em Belém, nomeadamente as imagens de culto, como forma de atracção. Contudo, a chuva intensa provocou danos e decorridos cinco anos a igreja foi interdita, dado que as suas paredes ameaçavam ruir. Apesar das reparações, considerou-se o seu abandono e a construção de uma nova igreja (1779), mas esta resistiu por mais de um século, praticamente reconstruída, graças à sua localização: era a única cujo som do sino poderia ser ouvido por toda a cidade.

De acordo, com o plano neoclássico «pombalino» de Sambuceti, a cidade foi ordenada num largo quadrado, com mais de 200 metros de lado, dividido por um quadriculado ortogonal perfeito, destinado a acolher as 371 famílias vindas de Marrocos, ou seja, cerca de 2000 pessoas. Tratava-se, portanto, da reformulação do plano matricial de Mazagão marroquina, traduzido no novo estilo do classicismo, em vez daquele do Renascimento, mas com uma profunda diferença: não existiam muralhas. Não só não eram necessárias neste Novo Mundo, onde os próprios índios trabalhavam por uma pequena quantia em obras de beneficência (estando a sua liberdade assegurada pela Lei desde 1755), como a sua ausência deixava espaço para que a cidade se pudesse expandir com o tempo. Em oposição a uma cidade fechada sobre si, confinada a quatro muros e a amplos fossos, nesta nova Idade das Luzes e da Razão deixa-se bastante espaço para o seu crescimento. Fundamentalmente, tratava-se de uma questão de «imagem» e de propaganda da Coroa portuguesa e da sua capacidade para dominar um ambiente tão hostil como o da Amazónia: uma aposta no futuro.

8. *Anais do Arquivo Público do Pará*, vol. 2, tomo I, Belém, 1996, p. 26.

veau foyer, faisaient exactement le contraire : il y avait à Belém beaucoup de mazaganistes qui se méfiaient de ce nouveau village au milieu de la forêt – eux, qui venaient du désert ! – et une personne qui y était allée disait à tout le monde «cette ville est incapable d'être habitée». En 1775, plus de cinq ans après leur arrivée, il y avait encore 68 familles qui attendaient à Belém. À vrai dire, la «déportation» avait été un fiasco, un échec par rapport à ce que l'on espérait.

Les travaux de la nouvelle ville avançaient. On commença par l'église – le plus grand monument du lieu et le seul en pierre et chaux – où, encore en mai 1777, le Gouverneur défendait au commandant de Mazagan de retirer les Indiens qui étaient occupés à la réparer⁸. Elle avait été faite en toute hâte, couverte de paille, de façon à pouvoir être utilisée dès le début comme le centre de la vie sociale de la communauté, devant la place principale de la ville : déjà en 1772 elle recevait les pièces religieuses déposées à Belém, dont les images de culte en guise d'attraction. La pluie intense a néanmoins provoqué des dégâts et, cinq ans après, elle fut interdite, car ses murs menaçaient ruine. En dépit des réparations, on pensa à l'abandonner et à faire une nouvelle église (1779), mais celle-ci résista encore plus d'un siècle, pratiquement reconstruite, grâce à sa position : c'était la seule dont le son de la cloche pouvait être entendu dans toute la ville.

Selon le plan néoclassique «pombalin» de Sambuceti, la ville s'ordonna dans un large carré de plus de 200 mètres de côté divisé en un carrelage orthogonal parfait, destiné à accueillir les 371 familles venues du Maroc, c'est-à-dire à peu près 2 000 personnes. C'était, donc, la reformulation du plan matriciel de la Mazagan marocaine, traduit dans le nouveau style du classicisme, au lieu de celui de la Renaissance, mais avec une profonde différence : il n'y avait pas de murailles. Non seulement elles n'étaient pas nécessaires dans ce Nouveau Monde, où les Indiens eux-mêmes travaillaient pour une petite solde dans les œuvres de bienfaisance (leur liberté étant assurée par la Loi depuis 1755), mais leur absence laissait bien de la place pour que la ville puisse s'élargir avec le temps. Contre une ville fermée sur soi, entre quatre murs et de très larges fossés, dans ce nouvel âge des Lumières et de la Raison on laisse assez d'espace pour sa croissance. C'était surtout une question d'«image» et de propagande de la Couronne portugaise et de sa capacité à maîtriser un environnement aussi hostile que celui de l'Amazonie : un pari sur le futur.

8. *Anais do Arquivo Público do Pará*, vol. 2, tomo I, Belém, 1996, p. 26.

Porém, nem tudo foi assim tão fácil quanto o Poder pretendia aparentar. Antes de mais, devido às enormes distâncias a percorrer neste labirinto aquático e no meio da floresta: eram necessárias duas semanas de viagem em canoa, conduzida por índios, para viajar de Belém até Vila Nova de Mazagão. Esta foi, provavelmente, a principal causa do abrandamento na instalação dos colonos na sua nova cidade; bem como, das voltas e reviravoltas e sucessivos episódios da sua história atormentada.

Neste país equatorial, o clima é senhor absoluto. Basta uma estação de chuvas um pouco mais intensas para que toda a paisagem se transforme, que rios desapareçam, que pântanos e ilhas nasçam onde nada existia antes. Tal foi o que aconteceu em Mutuacá e com toda a topografia de Vila Nova de Mazagão. O desconhecimento dos colonos em relação à agricultura – e, nomeadamente, no que diz respeito à Amazônia – provocou uma diminuição gradual do volume das águas do rio e o completo desaparecimento de um dos seus afluentes. A cidade havia ficado demasiado afastada do curso de água que era o seu principal elo de ligação com a Amazônia e o mundo civilizado, ou seja, Belém do Pará e Macapá. Os habitantes que não tinham partido – o índice de abandono ao longo do século XIX foi enorme – aproximaram, por conseguinte, as suas casas cada vez mais da margem do Mutuacá, abrindo aí uma ampla praça, que não estava prevista no plano de Sambuceti. A igreja permaneceu, evidentemente, tão afastada que quase mais ninguém a frequentava. Toda a cidade se moveu para a beira do rio, a cerca de 1 km ou mesmo mais.

Finalmente, a antiga igreja foi abandonada – apenas se conservam algumas partes de parede ainda visíveis, no meio da floresta – e uma nova, porém provisória, foi construída em madeira, em face do Mutuacá. Com a Independência do Brasil, em 1822, a cidade foi fortemente afectada por acontecimentos políticos locais, dos quais nunca mais se recuperou. Perante a sua decadência insanável, decidiu-se, em 1915, transferi-la para a beira do Amazonas, a cerca de 100 km do local, onde já morava um número considerável de famílias: a cidade mudou o nome para *Mazaganópolis* e tornou-se a capital municipal. O antigo burgo, reduzido aproximadamente a uma dezena de casas e menos de 500 habitantes, recebeu ironicamente a designação de «Velha Mazagão». Em 1956, construiu-se a igreja actual, em betão, mas desprovida de qualquer vestígio de estilo arquitectónico, onde foram depositadas as imagens e os ornamentos das precedentes.

Actualmente, ainda aqui se celebra, a 25 de Julho, a festa de Santiago, o santo patrono da velha Mazagão marroquina, reunindo dezenas de milhares de mora-

Mais les choses ne furent pas aussi faciles que le pouvoir voulait bien le présenter. Tout d’abord, à cause des immenses distances à parcourir dans ce dédale aquatique et au milieu de la forêt : il fallait deux semaines de voyage en canoë, conduit par des Indiens, pour aller de Belém jusqu’à Vila Nova de Mazagão. Ce fut peut-être la principale cause du ralentissement de la fixation des colons dans leur nouvelle ville ; et aussi des tours et détours et successifs épisodes de leur histoire tourmentée.

Dans ce pays équatorial, le climat est seigneur absolu. Il suffit d’une saison de pluies un peu plus fortes pour que tout le paysage change, des fleuves disparaissent, des marécages et des îles naissent là où il n’y avait rien. C’est ce qui s’est passé avec le Mutuacá et toute la topographie de Vila Nova de Mazagão. L’ignorance des colons concernant l’agriculture – et surtout ce qui a trait à l’Amazonie – engendra une diminution graduelle du volume des eaux du fleuve et la complète disparition de l’un de ses affluents. La ville était restée trop loin du cour d’eau qui était son principal lien de contact avec l’Amazonie et le monde civilisé, c’est-à-dire Belém du Pará et Macapá. Les habitants qui n’étaient pas partis – l’indice de désertion à travers le XIX^e siècle fut énorme – rapprochèrent, donc, leurs maisons de plus en plus de la rive du Mutuacá, en y ouvrant une large place, qui n’était pas prévue dans le plan de Sambuceti. L’église resta donc si éloignée que presque plus personne n’y allait. Toute la ville se déplaça vers le bord du fleuve, à 1 km ou même plus. La vieille église fut enfin abandonnée – il ne reste que quelques tronçons de mur encore visibles, au milieu de la forêt – et une nouvelle, mais provisoire, fut construite en bois, face au Mutuacá. Avec l’Indépendance du Brésil, en 1822, la ville a beaucoup souffert, en raison d’événements politiques locaux, dont elle ne se rétablira jamais. Devant son irrémédiable décadence, on décida, en 1915, de la transférer au bord de l’Amazonie, à environ 100 km de là, où beaucoup de familles habitaient déjà : elle changea son nom pour *Mazaganópolis* et devint la capitale municipale. L’ancienne place, réduite à peu près à une dizaine de maisons et à pas plus de 500 habitants, reçut ironiquement le nom de «Velha Mazagão» (Mazagan-la-Vieille). En 1956, on construisit l’actuelle église, en béton, mais sans aucune trace de style architectonique, où furent déposées les images et parures des précédentes.

C’est toujours là que se célèbre chaque 25 juillet la fête de Saint Jacques, le saint patron de la vieille Mazagan marocaine, rassemblant des dizaines de milliers d’habitants des villages autour de l’Amazonie.

dores das vilas em torno do Amazonas. Entre cerimônias meio cristãs, meio marroquinas – um verdadeiro *moussem*, que dura uma semana – o auge é o combate a cavalo (que é antes uma coreografia ou «fantasia») entre quatro cavaleiros «mouros» de vermelho e quatro «cristãos» de branco que desfilam, precedidos das imagens de Santiago e São Jorge, vestidos com fitas coloridas, e ao som de tambores, disparos, foguetes de fogo-de-artifício e de sinos, representando cavalgadas arrebatadas que terminam invariavelmente com a vitória dos «cristãos». Todas as noites há bailes, dançados entre o *rock* e o samba pelos mais jovens, onde os pretensos (ou verdadeiros...) descendentes de muçulmanos convertidos se reúnem de forma discreta para, a seguir, se misturarem com a multidão. Uma missa solene, no exterior da igreja, termina o festival, onde só participam homens e da qual os habitantes de Mazaganópolis são excluídos. Segundo o que me foi transmitido, a primeira festa data de 1777. Porém, esta memória mestiça que atravessou o Atlântico, do Magrebe até à Amazônia, está em vias de mudar de natureza devido à infiltração da política e do interesse turístico das autoridades do Estado de Amapá (criado em 1958), que vêem uma fonte de rendimentos em tudo o que lhes recorde a suas origens «africanas». «Nós, cujos antepassados vieram de África...»: assim se iniciam todos os discursos dos representantes da comunidade originária, os descendentes dos mazaganistas.

Visitei a Velha Mazagão, pela primeira vez, em 1995, acompanhado pelo Secretário de Estado da Cultura e do Turismo de Amapá, depois de uma viagem intrépida de três horas, num Land-Rover, desde Macapá, em que tivemos de atravessar de jangada dois afluentes do Amazonas, por um caminho de terra que unicamente o condutor distinguia, entre o entrelaçado das árvores, dos troncos retorcidos e da selva de lianas. Após uma hora de viagem, através de campos alagados, cobertos de papiros, entramos na floresta pré-amazônica e, de seguida, na orla da verdadeira floresta onde se encontra a Velha Mazagão. Então, de repente, parámos: à esquerda, entre as árvores, lá estavam as ruínas da igreja do século XVIII: duas porções de parede ainda erguidas, que todos respeitam, mas das quais ninguém se aproxima por causa dos «espíritos». Estas foram recentemente escavadas com desvelo por um bom arqueólogo do Recife, o professor Marcos Albuquerque, que revelou o seu traçado primitivo e sob os ladrilhos de argila do pavimento – não existe pedra na Amazônia –, cobertos pela vegetação densa, inumações de velhos homens feridos, apresentando à volta do pescoço correntes com a cruz de Malta e moedas de 1778 e 1790: as sepulturas dos primeiros colonos

Entre des cérémonies mi-chrétiennes, mi-marocaines – c'est un vrai *moussem*, qui dure une semaine – le point haut est le combat à cheval (plutôt une chorégraphie ou «fantasia») entre quatre chevaliers «maures» en rouge et quatre «chrétiens» en blanc, qui défilent précédés des images de St Tiago et St George, vêtus de rubans colorés, et au son de tambours, de fusillades, de fusées d'artifice et de cloches, jouant des folles chevauchées qui finissent toujours par la victoire des «chrétiens». Chaque nuit il y a des bals, dansés entre des rocks et des sambas par les plus jeunes, où les supposés (ou vrais...) descendants de musulmans convertis se réunissent de façon discrète, pour ensuite se mêler à la foule. Une messe solennelle à l'extérieur de l'église termine le festival, où ne participent que des hommes et d'où les habitants de Mazaganópolis sont exclus. D'après ce que l'on m'a dit, la première fête date de 1777. Mais cette mémoire métisse qui a traversé l'Atlantique, du Maghreb jusqu'en Amazonie, est en train de changer de caractère par l'infiltration de la politique et de l'intérêt touristique des autorités de l'État d'Amapá (créé en 1958), qui y voient une source de revenus dans ce qui rappelle leurs origines *africaines*. «Nous, dont les ancêtres sont venus d'Afrique...»: c'est ainsi que commencent tous les discours des représentants de la communauté d'origine, les descendants des mazaganistes.

J'ai visité Mazagan-la-Vieille une première fois en 1995, accompagné du Secrétaire d'État de la Culture et du Tourisme de l'Amapá, après un voyage aventureux en Land-Rover de trois heures depuis Macapá où l'on a dû traverser en radeau deux affluents de l'Amazone, par une route en terre que seul le chauffeur voyait parmi l'entrelacé d'arbres, de troncs tordus et la jungle de lianes. Après une heure de parcours à travers des champs inondés, couverts de papyrus, on est entré dans la forêt pré-amazonienne, et puis dans la lisière de la vraie forêt où se trouve la «Velha Mazagão». Puis, soudain on s'arrêta, il y avait à gauche, au milieu des arbres, les ruines de l'église du XVIII^e siècle: deux morceaux de murs encore debout, que tout le monde respecte, mais desquels personne ne s'approche à cause des «esprits». Ils ont été récemment fouillés avec soin par un bon archéologue de Recife, le professeur Marcos Albuquerque, qui a découvert son tracé primitif et sous les dalles en argile du pavement – il n'y a pas de pierre en Amazonie – recouvertes par la dense végétation, des enterrements de vieux hommes blessés, ayant autour du cou des cordons avec la croix de Malte et des monnaies de 1778 et 1790: les sépultures des premiers colons venus de Mazagan du Maroc morts sur place. On rassembla leurs ossements et l'on

oriundos de Mazagão de Marrocos aqui falecidos. As suas ossadas foram reunidas e ergueu-se no centro da cidade um mausoléu onde estes foram colocados, aquando da grande festa de 2001, perante a presença dos embaixadores de Portugal e de Marrocos.

A poucas centenas de metros de distância, a entrada da vila actual é assinalada por uma placa de «Bem-vindo a Mazagão-Velho, terra de Santiago». Seguem-se as cinco ou seis ruas em terra, com as suas pequenas casas que não excedem a centena – todas do século XIX – o mercado, a nova igreja em betão despido, o porto e a grande praça pública onde se realizam as festas: o único lugar onde se pode respirar um certo ar de civilização, na margem do rio. Foi de decurso de uma visita à igreja que tive a enorme sorte – ou antes o choque – de encontrar as antigas imagens mencionadas nos documentos do século XVIII que eu conhecia, levadas das igrejas da Mazagão marroquina, actual El Jadida. Além disto, ainda mais: desperto por um candeeiro em prata num canto da sacristia, no qual observava gravada a data de «1641», perguntei se, por acaso, não existiriam outras peças similares. Após um momento de silêncio embaraçoso, o sacristão – certamente forçado pela presença da autoridade de quem dependem as festas – confirmou e abriu-me dois grandes armários de metal, fechados à chave. Uma a uma, começou, ainda que com alguma teimosia, a retirar os objectos: de ouro, prata e prata dourada, acumuladas nas gavetas de um armário de madeira e que eu fotografava à pressa e com uma sensação de irrealidade, como se fosse um sonho. Tratava-se do segredo dos segredos, o Tesouro!

Diante dos meus olhos tinha as mais belas peças de ourivesaria, cuja maioria era litúrgica, trazidas em 1769 das igrejas e palácios de Mazagão, em Marrocos, aquando do seu abandono. A quem pertenciam? À comunidade mazaganista que as havia pagado, encomendado em Lisboa e utilizado durante mais de dois séculos, antes de embarcá-las de volta e de escondê-las na longínqua Vila Nova de Mazagão? Ou, então, à cidade material, o seu local de origem, a actual El Jadida? Eram estas questões que eu me colocava, enquanto as peças desfilavam diante da minha máquina fotográfica.

Soube, a seguir, que não haviam sido mostradas a ninguém. O Secretário de Cultura do Estado estava, também ele, estupefacto. O arqueólogo, que aí tinha trabalhado durante dois anos, nunca tinha ouvido falar das mesmas. Segundo a lenda, era o segredo de Mazagão que eu acabava de descobrir.

O primeiro objecto (Fig. 1), muito danificado – já não tem o seu tubo de prata onde se enfiava a vela de cera – possui, na sua parte inferior, uma inscrição

érigea au centre de la ville un mausolée où ils furent placés, lors de la grande fête de 2001, avec la présence des ambassadeurs du Portugal et du Maroc.

À quelques centaines de mètres de là, l'entrée du village actuel est signalée par une plaque de «Bienvenue à Mazagão-Velho, terre de St Tiago». Suivent les cinq ou six rues en terre avec leurs petites maisons qui ne dépassent pas la centaine – toutes du XIX^e siècle –, le marché, la nouvelle église en béton nu, le port et la grande place publique où se réalisent des fêtes : le seul lieu où l'on peut respirer un certain air de civilisation, au bord du fleuve. Et c'est en visitant l'église que j'ai eu l'énorme chance – ou plutôt le choc – de trouver les vieilles images, dont parlent les documents du XVIII^e siècle que je connaissais, emportées des églises de la Mazagan marocaine, l'actuelle El Jadida. Et davantage encore : éveillée par une lampe en argent dans un coin de la sacristie, où je voyais gravée la date de «1641», j'ai demandé si par hasard il n'y en aurait pas d'autres semblables. Après un moment de silence embarrassé, le sacristain – sans doute forcé par la présence de l'autorité dont dépendent les fêtes – a dit oui et m'a ouvert deux grandes armoires en métal, fermées à clé. Une à une, il commençait, non sans un certain acharnement, à en retirer des objets : en or, en argent et en argent doré, qu'il accumulait sur les tiroirs d'un meuble en bois et que je photographiais avec hâte et une sensation d'irréalité, comme dans un rêve. C'était le secret des secrets, le Trésor!

J'avais sous mes yeux les plus belles pièces d'orfèvrerie, dont la plupart religieuses, apportées en 1769 des églises et palais de Mazagan au Maroc lors de leur abandon. À qui appartenaient-elles? À la communauté mazaganiste qui les avait payées, commandées à Lisbonne et utilisées pendant plus de deux siècles avant de les embarquer de retour et de les cacher dans la lointaine Ville Nouvelle de Mazagan? Ou bien à la ville matérielle, son lieu d'origine, l'actuelle El Jadida? Ce sont les questions que je me posais, à mesure qu'elles défilaient devant ma caméra.

J'ai su par la suite qu'on ne les avait jamais montrées à personne. Le Secrétaire de la Culture de l'État était lui aussi ébahi. L'archéologue, qui y avait travaillé pendant deux ans, n'en avait jamais entendu parler. Après la légende, c'était le secret de Mazagan que je venais de découvrir.

La première pièce (Fig. 1), très endommagée – n'a plus son tube en argent où l'on enfilait le cierge de cire – porte dans la partie inférieure une inscription gravée, bien lisible : « *ESTES C(astiçais?) SÃO DA MIZERICORDIA* [Ces chandelles appartiennent à la Miséricorde – *ANO 1641* »]; le sacristain m'a dit qu'il y en avait

gravada, perfeitamente legível: «ESTES C(astiçais?) SÃO DA MIZERICORDIA – ANO 1641»; o sacristão disse-me que existiam mais dez ou doze, mas só me mostrou quatro (Fig. 2). Provavelmente, serviam para iluminar as divisões do Hospital, aquando das cirurgias de urgência. A sua aparência lisa e prática, fácil de transportar, tornava-os objectos ideais para esta função.

Em seguida, dois candelabros de prata polida e um aspersor de bronze dourado (Fig. 3) que tinham, certamente, pertencido a uma igreja, que se desconhece, dado que não possuem qualquer inscrição. Contudo, a sua aparência, mais simples e certamente do início do século XVIII, convence-nos que não deveria ser a paróquia de Nossa Senhora da Assunção. Duas coroas fechadas de prata, uma das quais sobre um prato e acompanhada de uma vara prateada, parecem indicar o culto do Divino Espírito Santo, cuja existência em Mazagão era desconhecida, mas bastante provável (Figs. 4 e 5).

Uma vara comprida, revestida de folha de prata, chama-nos a atenção. Numa decoração de rendas e folhagens muito delicada, uma cartela desenvolve-se à sua volta com a inscrição gravada «FOI DADA POR IOA (ilegível) A SANTA CAZA DA MIZERICORDIA ANNO DE 1722». Tratava-se de uma «vara», ou para ser segurada na mão por um director daquela instituição de caridade ou para apoiar um dossel com mais três outras, o que me parece mais provável (Fig. 6), dado que existe outra similar mas sem inscrição.

Além dos numerosos cálices, pequenos sinos e campainhas, pratos e patenas, a grande Cruz processional (Fig. 7) – uma magnífica peça com nós e um Cristo acentuadamente barrocos, datando do primeiro quartel do século XVIII –, também havia: um objecto digno de pertencer à igreja paroquial, um candeeiro de prata, bastante trabalhado, de meados desse século, sustentado por três cordões de filigrana (Fig. 8); uma auréola circular esplêndida, também de prata maciça, formada por raios, por quatro grupos de quatro; uma cruz grega (Fig. 8a), que servia, provavelmente, como pano de fundo do belíssimo Cristo na Cruz de madeira, esculpido e policromado, mencionado na lista de 1769 (Fig. 9).

Finalmente, a obra-prima: uma custódia com cerca de um metro de altura, dourada, apresentando uma cúpula com pontas de diamante e duas volutas na extremidade do nó, de onde pendiam certamente as quatro campainhas mencionadas no documento de 1769, desaparecidas (Fig. 10), que se pode datar, com segurança, dos inícios do século XVII. Pela sua riqueza e datação certamente integrou os objectos de culto da igreja de Nossa Senhora da Assunção, visto que as restantes igrejas são mais tardias. Trata-se de uma

dix ou douze, mais il ne m'en a montré que quatre (Fig. 2). Probablement, servaient-elles à illuminer les salles de l'Hôpital, lors des chirurgies d'urgence. Leur aspect lisse et pratique, facile à transporter, les rendait idéales pour cette fonction.

Ensuite, deux candélabres en argent poli et un aspersoir en bronze doré (Fig. 3) qui avaient sans doute appartenu à une église, que l'on ignore, car ils ne portent aucune inscription. Mais leur apparence, plus simple et certainement du début du XVIII^e siècle, nous convainc que ce ne devait pas être la paroissiale de Nossa Senhora da Assunção. Deux couronnes fermées en argent, l'une d'elles sur un plat et accompagnée d'un bâton argenté, semble pointer vers le culte du Divin Saint-Esprit, dont l'existence à Mazagan était ignorée, mais très probable (Figs. 4 et 5).

Un long bâton couvert de feuille d'argent attire le plus grand intérêt. Dans un décor de lacets et de feuillage très délicat, une bande court tout autour avec l'inscription gravée *FOI DADA POR IOA* (illisible) *A SANTA CAZA DA MIZERICORDIA ANNO DE 1722* [« A été donnée par João... à la Sainte Maison de la Miséricorde. L'an de 1722 »]. C'était une *vara*, soit pour être tenue dans la main par un directeur de cette maison de charité, soit pour soutenir un dais avec trois autres, ce qui me paraît le plus probable (Fig. 6), car il y en a une autre semblable, mais sans inscription.

Outre de nombreux calices, de petites sonnettes et clochettes, des plats et des patènes, la grande Croix de procession (Fig. 7) – qui était une superbe pièce avec des nœuds et un Christ bien baroques, datant du premier quart du XVIII^e siècle –, il y avait également : une pièce digne d'appartenir à l'église paroissiale, une lampe en argent, très ouvragée, du milieu de ce siècle, soutenue par trois cordons en filigrane (Fig. 8); une splendide auréole circulaire, elle-aussi en argent massif, formée de rayons, par quatre groupes de quatre et une croix grecque (Fig. 8a), qui servait peut-être de fond au très beau Christ sur la Croix en bois, sculpté et polychromé, dont nous parle la liste de 1769 (Fig. 9).

Enfin, le chef-d'œuvre : un ostensor d'environ un mètre de haut, doré, avec une coupole en pointes-de-diamant et deux volutes à l'extrémité du nœud d'où pendaient sans doute les quatre clochettes dont nous parle le document de 1769, disparus (Fig. 10), que l'on peut dater avec certitude du début du XVII^e siècle. Par sa richesse comme par sa date, il a sûrement fait partie des objets de culte de l'église Notre-Dame de l'Assomption, car les autres églises sont plus tardives. C'est une vraie pièce de musée, d'influence espagnole. J'ai compté vingt-six pièces au total ; mais elles doivent être beaucoup plus nombreuses. Non seulement

verdadeira peça de museu de influência espanhola. Enumerei vinte e seis objectos no total, mas o seu número deve ser mais elevado. Não só havia uma quantidade de pequenos objectos que não me foi mostrada, escondidos no fundo do armário ou disseminados um pouco por todo o lado, como também desconfio que os mais preciosos não estivessem lá, mas antes guardados em casas privadas, em lugar seguro.

Apenas uma pequena parte deste tesouro sai do seu esconderijo em dias de festa, aquando das celebrações importantes, e é quase imperceptível para os fiéis – que sabem da sua existência mas calam-se, preferindo manter um pacto secreto acerca da presença destes objectos na Velha Mazagão, certamente para não suscitar a inveja (ou os direitos) dos habitantes de Mazaganópolis, capital do distrito. É uma maneira de preservar a identidade dos genuínos mazaganistas, aqueles que se mantiveram fiéis ao local que lhes foi atribuído pelo Rei há dois séculos e meio.

É um tesouro totalmente desconhecido e inesperado, quase absurdo, levado da velha cidade fortaleza de Mazagão em Duquela, Marrocos – a actual El Jadida, a sua descendente e herdeira directa – e escondido nas suas riquezas dos olhos de todos, nos armários de uma sacristia de igreja numa vila esquecida do Estado de Amapá, no extremo norte do Brasil, no meio da floresta amazónica. Um episódio único na História – a transladação de uma cidade inteira através do Atlântico – adquire, assim, um interesse renovado que deve suscitar novos estudos por parte dos investigadores, em estatuária e ourivesaria, e reforçar os laços diplomáticos e culturais entre Portugal, Marrocos e o Brasil.

il y avait une quantité de petits objets qu'on ne m'a pas fait voir – cachés au fond de l'armoire, ou éparpillés un peu partout –, mais aussi je soupçonne que les plus précieux n'étaient pas là, mais gardés dans des maisons privées, en lieu sûr.

Seule une petite partie de ce trésor sort de sa cachette les jours de fête, lors des plus grandes célébrations, et est presque invisible aux fidèles – qui connaissent son existence, mais se taisent, préférant maintenir un pacte secret sur sa présence à Mazagan-la-Vieille, sans doute pour ne pas susciter l'envie (ou les droits) des habitants de Mazaganópolis, le chef-lieu du district. C'est une façon de préserver l'identité des vrais mazaganistes, ceux qui se sont maintenus fidèles dans la place qui leur fut assignée par le Roi il y a deux siècles et demi.

C'est un Trésor totalement inconnu et inattendu, presque absurde, enlevé de la vieille ville-forteresse de Mazagan dans les Doukkala au Maroc – l'actuelle El Jadida, sa descendante et héritière directe – et caché dans ses richesses des yeux de tous, dans les armoires d'une sacristie d'église dans un village oublié de l'État d'Amapá à l'extrême nord du Brésil, en plein milieu de la forêt amazonienne. Un épisode unique dans l'Histoire – la translation d'une ville entière à travers l'Atlantique – gagne ainsi un renouveau d'intérêt, qui doit susciter de nouvelles études de la part d'experts, en sculpture et orfèvrerie, et renforcer les liens diplomatiques et culturels entre le Portugal, le Maroc et le Brésil.



Fig. 1



Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4

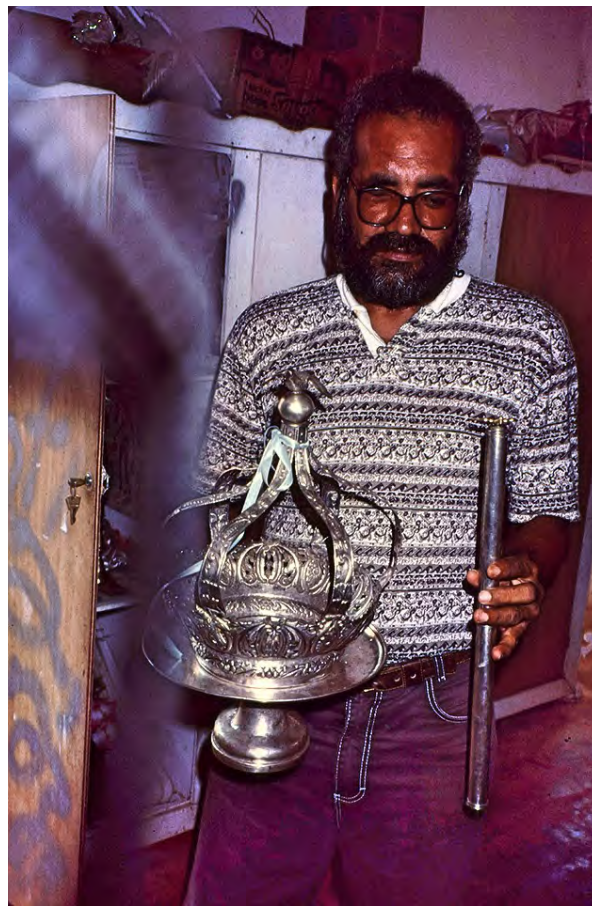


Fig. 5



Fig. 6



Fig. 7



Fig. 8



Fig. 8A



Fig. 9



Fig. 10